

-5 MAR 1997

FHC

## COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

# FH pede prova de que é autoritário

O presidente Fernando Henrique Cardoso tem uma avaliação de si e de seu governo bastante diferente daquela vigente no senso comum, que o vê dono de uma força política excessiva e de uma inequívoca tendência para interferir em questões que vão além dos limites do exercício da Presidência da República.

Um exemplo sempre citado é o do Legislativo, onde o presidente envolveu-se não apenas na eleição das presidências da Câmara e do Senado, mas também na escolha de lideranças de bancadas e, agora, nos comandos das comissões permanentes. Sem contar, evidentemente, a terraplanagem congressual que se viu durante a tramitação da emenda da reeleição.

Com relação ao Judiciário, Fernando Henrique não fez mais que exercer seu direito à opinião, mas provocou reações indignadas.

No meio do bombardeio ainda surgiu seu grande amigo José Arthur Giannotti alertando para o perigo de FH buscar nos confúdios da História espelho na era dos déspotas esclarecidos. O brasilianista Thomas Skidmore também andou atirando na mesma direção lá dos States e, para completar, o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, quando fala só faz corroborar a tese do autoritarismo pelo trato grandiloquente que dedica ao poder.

Pois Fernando Henrique discorda de tudo isso e já começa a discussão, provocada na forma de um convite a uma breve incursão pela ciência política, com um desafio: "Apontem-me só um fato concreto, um sinal de que eu esteja sendo autoritário, ditador ou extrapolando meus poderes."

Os já citados não bastam. O presidente os rebate um a um, começando por não conferir a Skidmore qualquer intimidade com os fatos contemporâneos — notadamente da vida brasileira — para sustentar suas opiniões. Recusa aval às declarações de Sérgio Motta, e mais, pela sua reação, autoriza o interlocutor a imaginar que elas não devam mesmo ser consideradas ao pé da letra. "Vocês estão cansados de conhecer o Serjão, ou não estão?"

Não resta dúvida.

Quanto à ampliação do debate nacional proposto por Giannotti, Fernando Henrique não considera que seja o autor de qualquer tentativa de estreitá-lo e reclama de que foi a oposição quem recusou seus chamados. Concorda que hoje conta com uma maioria jamais vista em governo democrático algum neste país — e, se brincar, fora daqui também —, mas acha que daí a ser considerado um déspota vai uma distância amazônica.

"Esclarecido tenho mesmo a pretensão de ser, mas déspota jamais."

Então, vamos a um pouco da ciência política que deixa o presidente tão à vontade para mostrar como tem de si imagem diferente da que se reflete para além da Praça dos Três Poderes:

"No Brasil sempre tivemos Executivos fortes isolados do Legislativo ou governos fracos que ficaram nas mãos de Parlamentos fortes e, no geral, tiveram triste destino."

O que existe hoje, na opinião de Fernando Henrique, é a vigência da normalidade institucional. Não acha que o Executivo tenha a força que se apregoa e cita como exemplo o fato de que as leis que o governo manda para o Congresso raramente são aprovadas tal como saem do Palácio do Planalto.

"O governo é absolutamente permeável à negociação", diz.

Tanto é, analisa, que o presidente foi eleito com o apoio de três partidos (PSDB, PFL e PTB) e passou boa parte do tempo negociando a ampliação da maioria para incluir nela o PMDB e o PPB.

Obviamente, Fernando Henrique não aceita questionamentos a respeito da forma como se construiu essa maioria: "Não venha me falar em fisiologismo, pois não demos um só cargo nem fizemos um só favor em troca de nada, o *Diário Oficial* está aí para provar a inexistência dessas nomeações."

Sendo assim, vamos em frente, pois se absoluto o presidente não deseja ser, do mal da modéstia também não morrerá.

"Não imponho nada. Agora, não tenho culpa se tive a capacidade de convencer as pessoas, e isso também é governar. Aqui, conversando com você, estou governando. Governar é convencer", repete.

Do exercício da arte do convencimento, na opinião dele, surgiu a maioria e, com ela, a sucessão de vitórias que acabaram dando a impressão de que não existe nada no país além de Fernando Henrique Cardoso.

"Não é isso. O que existe é a presença firme do governo em setores onde as pessoas não estavam acostumadas a senti-la de forma positiva."

Na análise de Fernando Henrique, a sociedade brasileira se acostumou a funcionar sempre em oposição ao Estado.

"No momento em que esse Estado promove democracia na política e estabilidade na economia, é natural que seu índice de adesão seja muito mais elevado, o que nada tem a ver com autoritarismo, muito menos com absolutismo. Ao contrário", finaliza o presidente.

**"Não imponho nada. Mas não tenho culpa se tive capacidade para convencer as pessoas."**

(Fernando Henrique)